



M. DE ARAUJO PORTO ALEGRE.

Lith. de J. Alves Leite.

REVISTA

DO

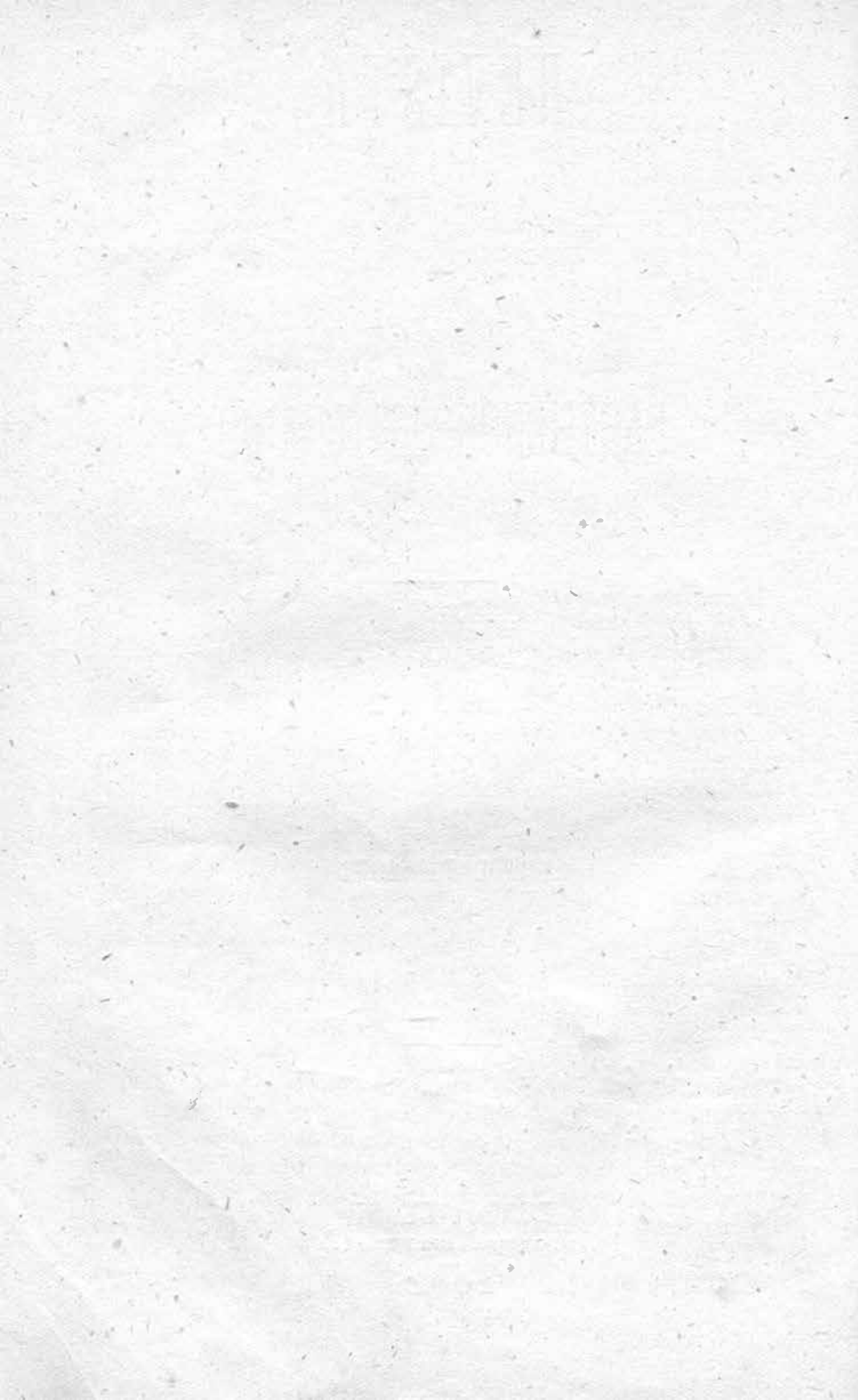
PARTHENON LITTERARIO

TERCEIRO ANNO

ABRIL DE 1874

PORTO ALEGRE
IMPRESA LITTERARIA

1874



ESBOÇO BIOGRAPHICO

MANOEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE

Ha nomes que por si sós equivalem a longos poemas, que por si sós symbolisão uma nacionalidade.

A' altura das regiões em que pairão as aguias soberbas do genio, não é dado elevar-se a ave timida e implume.

Ha assumptos de tão arrojada esphera, que não é licito ao obscuro pygmeu devassar os arcanos sómente prescrutaveis ás intelligencias privilegiadas.

Tal é a tarefa de que nos vamos occupar, por demais superior ás nossas debeis forças; e que d'ella nos eximiriamos, se não fôra a immerecida confiança em nós depositada pela talentosa mocidade do *Parthenon*, d'esses intrepidos argonautas do futuro, que sobranceiros e inabalaveis vão descortinando á luz da razão novos horisontes á litteratura patria.

A' penna mais habil que não a nossa, circumscripta na esphera de acanhadas vezes intellectuaes, caberia de certo a tarefa de narrar, ainda que succintamente, a vida do eminente poeta e artista, do distincto diplomata que tanto tem ennobrecido a sua patria nas lutas porfiadas do raciocinio, nas investigações incessantes á dilatação dos conhecimentos humanos, nos escolhos á transpor á mór perfectibilidade das artes e das sciencias.

A deficiência de nossas forças para arcar com tão oneroso encargo supprão a boa vontade e dedicação que temos em concorrer com o fraco contingente de nossas luzes para que mais uma gloria nacional vá enriquecer a galeria dos contemporaneos illustres da *Revista Mensal do Parthenon*.

Manoel de Araujo Porto Alegre teve por berço a cidade de

Rio Pardo n'esta provincia, a mesma heroica terra que tem sido patria de tantos varões preclaros, cujos nomes ou memórias conserva, como reliquias preciosas, o pantheon da historia.

A mesma terra que produziu genios nos templos de Bellona, que ainda hoje se venerão como glorias tradicionais, teve a dita tambem de ter ingresso nos dominios de Pallas, produzindo o genio da poesia e da pintura a 29 de Outubro de 1806 na pessoa de Manoel de Araujo Porto Alegre, como já produziu o genio da medicina no distincto filho de Esculapio o Dr. Francisco Ferreira de Abreu.

Revelando desde os mais tenros annos os mais subidos dotes da intelligencia, os mais arrojados talentos, seus progenitores o mandarão para a capital do imperio afim de applicar-se á sciencia de Archimedes.

Perdendo por molestia o primeiro anno da escola militar o filho predilecto de Apollo matriculou-se depois na academia das Bellas Artes, aonde conseguiu na exposiçãõ de 1830 tres premios, um em pintura, outro em architectura e o terceiro em esculptura.

O immortal fundador do imperio havia promettido envial-o para a Europa afim de continuar os seus estudos; mas os movimentos politicos que pouco tempo depois se seguirão, e que derão em resultado a sua abdicacão, vedarão que fosse realizada a sua promessa.

Apesar d'esses revezes, partio o joven artista para Paris no anno de 1831 e ali estudou até 1834; seguindo depois para a Italia, aonde se applicou á archeologia com o famoso Nibbi.

Em 1837 regressou ac Brazil, sendo nomeado professor da Academia das bellas artes.

N'esta quadra da sua vida o acabrunharão transes tão amargurados que tomou a resoluçãõ de passar-se para lente de architectura da Escola Militar, onde se jubilou, recebendo por essa occasiãõ o testemunho mais eloquente de respeito e veneraçãõ de todos os seus companheiros em congregaçãõ, com o voto de saudade que elles lhe tributarão; homenagem essa que o illustre poeta conserva gravada em seu magnanimo coraçãõ.

As festas da aclamaçãõ e coroaçãõ do actual imperante o Sr. D. Pedro II, o casamento e baptisados imperiaes, feitos sob sua direcçãõ, a construcçãõ do banco do Brazil e os planos para outros muitos edificios sãõ monumentos que o elevão na galeria dos mais abalisados artistas do seculo actual.

E' autor o Sr. Porto Alegre de muitos dramas e comedias, e de producções poeticas em quasi todos os generos, aonde sobresahe, avulta mais, a par do grandiloquo e do sublime, o cunho de ori-

ginalidade que encerrão as locuções de sua vasta intelligencia.

As *Brazilianas* e a *Destruição das matas*, aonde tudo enleva e encanta, aonde a imaginação do leitor extasia-se, arrebatase ante o colorido das imagens, ante o arrojado do pensamento, que de elevação em elevação chega a espaçar as devezas do Pindo, tentando descortinar novos horisontes a vastidão de sua esphera, apresentão em amphitheatro as scenas grandiosas da natureza ardente dos tropicos, descrevem em brilhantes arroubos a magnificencia das solidões habitadas pelo indolente filho das selvas.

Um dos creadores da nossa infantil litteratura, que já vai dilatando seus vôos, o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre foi um dos primeiros a guiar-lhe a marcha por entre as escabrosas verdades do desanimo, dos tufões da critica, antepondo-lhe a égide inexpugnavel do genio, que tudo sossobra, tudo faz recuar.

N'este paiz em que se apedreja o merecimento e a virtude, como outr'ora os judeus a mulher adultera, n'este paiz em que por convenção se elevão ás aérias regiões as vis mediocridades, e se deprimem os verdadeiros talentos, é admiravel ver subtrahir-se ao anathema da excommunhão social, arrancar-se da indiferença, do scepticismo geral o talento privilegiado, e á força de sobrehumano trabalho galgar ao fastigio do poder.

Só uma vontade herculea, uma tenacidade a toda a prova podem arcar com os obstaculos quasi insuperaveis, podem arrefecer o gelido menospreço que ás lettras patrias se consagra n'esta região dos tropicos.

O saber, o merecimento morrem á mingua n'este paiz, que ainda dormita nas faixas da infancia, que indolente e descuidado não quer conhecer os primores, as louçanias d'esta natureza tão ardente e tão vivaz, que incita a imaginação ás lutas do raciocinio.

Succumbe inanimado o talento ante o escarneo e a mofa dos parvos, que audazes por excellencia, afugentão as luzes que tentão dissipar as trevas em que elles se envolvem.

Seo erudito, o verdadeiro illustrado não encontra entre nós quem lhe estenda mão protectora e bemfazeja, ai d'elle e de sua triste sorte, porque tem de infallivelmente recorrer ao trabalho rude e agreste para poder prover a sua subsistencia.

Entretanto não é raro ver-se hoje em dia apregoar-se pela trompa da fama a sublimidade do talento de tal ou qual individuo, que por seu merecimento e seus esforços, conseguiu arrancar-se da obscuridade em que vivia, e elevar-se á uma notavel posição social.

A lisonja, a má fé e a venalidade tentão embair a credulidade publica com essas fementidas asserções.

Sabe-se ao certo que o individuo a quem elles apregoão, incensão como uma grande cousa nas regiões das lettras, não passa de uma mediocridade, aos empurrões elevado ao renome e consideração social pela mão poderosa do bemfeitor.

Um filho da orgulhosa dominadora dos mares (a Inglaterra) prognosticou que tarde ou com muito custo attingiria o Brazil o lugar de uma grande nação, porquanto os seus filhos timbravão pelo character, pela mania de deprimir, de abater os seus homens mais eminentes, e de elevar, de engrandecer verdadeiras mediocridades, arrancando-as da obscuridade em que jazião, para collocar-as fóra de sua esphera.

Toda a razão assistia ao judicioso filho de Albion, quando assim se exprimia em relação á nossa patria.

Não precisamos citar nomes, quando os factos ali estão patentes, para corroborar a verdade enunciada, em relação ao nosso proceder pelo abalisado compatriota de Nelson e Willington.

Incensa-se e eleva-se a ignorancia e o vicio, e deprime-se, deturpa-se o saber e a virtude, conforme as paixões, os resentimentos partidarios, conforme as conveniencias e os interesses individuaes.

Se os nossos poetas e litteratos não succumbem á miseria, esmolando a caridade publica como o immortal autor dos *Luziadas*, o da *Jerusalém Libertada*, e outros, nem por isso a sorte que elles tem tido entre nós favonea, acalenta a outros para proseguirem na gloriosa romagem do porvir.

E' admiravel vêr-se surgir do nada em que nascera, e ir de gradação em gradação até subir o zenith do edificio social o nosso illustre biographado, que sómente ao clarão do genio com que o dotou o Creador, pôde romper as trevas do obscurantismo em que sempre se revolvem n'este paiz aquelles, que não são dotados de bastante tenacidade para arcar com os obstaculos e preconceitos, com o desalento e menospreço inherentes á fragilidade da infancia que ainda desperta não só para a litteratura, como para a instrucção publica no Brazil.

E' admiravel vel-o romper, qual granitica rocha os embates das ondas tempestuosas que se arremessão aos escolhos inacessiveis da indifferença, do scepticismo geral pelos conhecimentos humanos, e altaneiro, altisonante bradar :

Aqui estou eu, o astro radiante que desponta para as lettras da terra de Cabral, que vim em parte dissipar as trevas, que ainda tentavão obscurecer o firmamento, já tão esplendidamente illuminado por brillantes satellites de nossa litteratura.

Não, a terra que tem produzido, apesar do menospreço, do desprestígio geral, homens eminentes nas sciencias e nas letras, que honrão e ennobrecem a patria, o mundo, a humanidade, a terra que tem produzido entre mathematicos, naturalistas, publicistas, juristas, oradores e litteratos vultos da ordem do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, de Manoel de Arruda Camara, Bispo Azeredo Coutinho, visconde de S. Leopoldo, visconde de Cayrú, Souza, Capanema, Candido Baptista de Oliveira, Rocha Pitta, Gusmão, Evaristo, Martim Francisco, S. Carlos, Souza Caldas, Antonio Carlos, Vasconcellos, Paula Souza, Cunha Barbosa, D. Romualdo (o finado marquez de Santa Cruz) Lisboa, Monte-Alverne, Miguel Calmon (o finado marquez de Abrantes) Montezuma (visconde de Jequitinhonha) Alencar, Octaviano, Torres-Homem, Pereira da Silva, visconde de Sapucahy, marquez de S. Vicente, Nabuco, etc.; entre os poetas Basilio da Gama, Silva Alvarenga, Gonzaga, marquez de Paranaguá, Macedo, Gonçalves Dias, Magalhães, Alvares de Azevedo, Delfina da Cunha, D. Beatriz, Maciel Monteiro e tantos outros não pôde permanecer estacionaria na região das letras, não pôde retrogradar ante o emporio da luz.

E o nosso athleta da poesia, jactancioso ante os effluvios das ideias que em borbotões ruminavão-lhe a imaginação, produziu o seu monumento litterario, que o collocou entre os primeiros poetas contemporaneos.

Porto Alegre déra á luz o gigante de suas vastas locubrações — o immortal *Colombo*.

Para cumulo de sua gloria, para sustentaculo de sua reputação no templo das musas deveria com effeito apparecer esse colosso de suas abalisadas composições, essa epopeia dedicada ao illustre descobridor da America, fonte perennal de pensamentos sublimes, de grandiloquas imagens, de deslumbrantes scenas, que insensivelmente arrastão a imaginação ante os páramos das insaciaveis investigações do espirito humano.

As bellezas d'esse monumento, sem par no seu genero entre as modernas composições, collocão o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre como o poeta verdadeiramente americano, como o luzeiro da litteratura vernacula, em que além da engenhosa originalidade das descripções e peripecias do poema, tudo n'elle ressumbra o espirito nacional, que embevecido pela causa da patria, ora delecta-se com a altiva e imponente magestade dos atavios e fertilidades d'este Eden do Novo Mundo, ora eleva-se na immensidade dos ares a devassar nos vôos de suas arrojadas concepções as florestas virgens e seculares, em que dormita placido e indolente o filho, o legitimo senhorio do gigante dos tropicos.

No poema tudo falla, tudo sente, tudo palpita pela causa, pelo destino da America, demonstrando o acrysolado patriotismo que incendeia o magnanimo coração do autor.

As inspirações do Parnaso que a cada passo se revelão na maravilhosa producção do Sr. Porto Alegre, insensivelmente conduzem os espiritos nimamente cultos á penetrações do mais subido alcance, os arremessão á profundeza de ideias sobremodo avançadas, que inteiramente as redemoinhão em embates tão tempestuosos para a imaginação, como as pororocas do nosso Amazonas ao revolver as aguas em que incessantemente borbulha esse inexpugnavel dominador dos rios do mundo.

Longe iriamos, se tentassemos aqui mencionar os primores que contem o monumento que levantou á litteratura patria o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre com o seu *Colombo*; nem os acanhados limites de um esboço biographico permittem semelhante tentamem, nem a nossa mesquinha intelligencia a tanto se abalança nas conquistas do porvir.

O illustre brasileiro immortalisou-se nas lettras do paiz com sua sublime composição, em que incontestavelmente prima no genero entre as demais que tem apparecido na terra de Cabral.

Gonçalves Dias, o poeta mavioso por excellencia, o sentido cantor do solo da patria, o amoroso condor das florestas brasileiras, e Magalhães, o ousado argonauta a enfunar as velas em mares ignotos da litteratura nacional, dormitão no regaço do titanico trovador das riquezas e magnificencias da terra de Colombo.

Porto Alegre é sempre o atrevido ascensor a galgar o zimbório da poesia, a arremessar se entre os gladiadores da deosa Minerva.

Por espaço de mais de cinco lustros escreveu elle em todos os jornaes e revistas que se publicarão no Rio de Janeiro, até que o governo imperial julgou opportuno aproveitar os recursos de tão vasta intelligencia, de tão solida erudição em misteres mais arduos, nos intrincados commettimentos da arte de Metternich.

No anno de 1859 partio o distincto brasileiro por deliberação do governo imperial a desempenhar a missão de consul geral do Brazil junto á côrte de Berlim.

Sabe-se perfeitamente que semelhante encargo lhe fôra dado mais por iniciativa do actual imperante o Sr. D. Pedro II, do que pelo proprio governo, em vista do merecido apreço que ao seu saber e virtudes tributa aquelle que tão dignamente preside aos destinos da nação brasileira.

Vereador da camara municipal da côrte o famoso autor do *Colombo* tornou-se ainda notavel pelos relevantes serviços que prestou n'aquelle cargo; sendo, como sempre, sentida a sua re-

tirada das funcções que exercia, pelo que merecem de seus companheiros as mais subidas provas de consideração e de respeito.

Coube-lhe ainda a tarefa de reformar a academia das bellas-artes, da qual foi director, desempenhando satisfactoriamente sua nobre missão.

No anno de 1867 foi como commissario á exposição universal de Paris, sobre cuja incumbencia escreveu um minucioso relatório, fertil e luminoso, como o são todas as producções de seu genio.

Da côrte de Berlim passou, o nosso-illustre biographado a exercer em Lisboa as funcções de consul geral, aonde ainda se acha actualmente, prestando valiosissimos serviços á sua terra natal.

O Sr. Porto Alegre faz parte das seguintes sociedades :

E' membro honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro; da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional; do Instituto Nacional de Washington; da Academia Real das Sciencias de Lisboa; da Academia Real das Bellas-Artes da mesma capital e de muitas outras sociedades da America e da Europa.

Por unico galardão aos relevantes serviços que tem prestado á sua patria possui o venerando ancião na idade de 68 annos a dignitaria da imperial ordem da Rosa!

Todos os titulos e considerações serão insufficientes, nullos mesmo para aquelle em cuja frente irradia a aureola do genio, em cuja frente a magestade do saber imprimio a triplice coroa de artista, poeta e diplomata.

Como o famoso autor dos *Miseraveis*, como o egregio escriptor das *Harmonias e Meditações de Jocelyn*, como o immortal creador do *Genio do Christianismo*, Manoel de Araujo Porto Alegre tem por habitação o pharol de sua vasta cabeça, por auxiliar de sua existencia a humanidade, e por patria o mundo inteiro.

A apothecose da historia já escreveu-lhe o nome em suas paginas memoravoids.

FRANCISCO DE PAULA DO AMARAL SARMENTO MENNA.

Porto Alegre 14 de Abril de 1874.

GEORGINA

(ROMANCE)

EPILOGO

Demorou-se Leoncio na capital, aguardando o restabelecimento de seu padrinho, que tinha perdido as faculdades mentaes, com a morte prematura da filha.

Todos os esforços combinados da amizade e sciencia forão impotentes para resolver o difficil problema da cura; ante o mal que desenvolvia-se com intensidade, não luzia uma esperança sequer para essa familia magoada por tantos golpes consecutivos.

A medicina declarando-se vencida, confiou aos cuidados da familia o infeliz, que não podia salvar da voragem de uma morte peor que a do corpo.

Leoncio, ainda que abatido por tantas desgraças successivas, não quiz dar-se por vencido e appellou com coragem para todos os expedientes ao seu alcance.

Os medicos no sul tendo declarado ser impossivel á sciencia restituir as faculdades perdidas do pobre velho, Leoncio recorreu á côrte onde maior somma de recursos scientificos podião conseguir o desideratum desejado.

Inspirado por esse pensamento transportou-se com a familia para o Rio de Janeiro.

Lá como aqui, a sciencia tentou inutilmente, lutando em vão para resgatar aquella alma perdida para o mundo.

De dia em dia o mal augmentando-se de uma maneira terri-

vel, não foi mais possível a ninguém conter os desvios de Magalhães.

Um golpe mais pungente veio trucidar o coração do inditoso moço.

Era impossível conservar-se o velho, victima de uma loucura furiosa, nos seios da pequena familia. O medico da casa, aconselhado pela experiencia e temendo alguma consequencia funesta, exigio de Leoncio que fizesse recolher Magalhães ao hospicio de Pedro II.

Era o golpe mais doloroso que podião dar n'aquelle coração sensível, e a energica vontade do joven vacillou mais uma vez, desfeita em lagrimas ante essa terrível exigencia sem restricções.

No mesmo dia em que foi transportado o desgraçado louco para sua nova habitação, Leoncio que o acompanhava, ao voltar para casa, mandou immediatamente chamar o medico que tantos serviços lhe tinha prestado.

A' chegada d'este, Leoncio fez entrar-o no gabinete, dirigindo-lhe a palavra após curtos momentos de silencio.

— Doutor, começou o moço com a voz saturada de tristeza, aos muitos serviços que lhe devo, tenho de pedir-lhe mais um...

— Falle, Leoncio, e creia que sincêramente desejo ser-lhe util em tudo que estiver em mim; assim como a sympathia que inspirou-me fez associar-me a seus pezares.

— Obrigado, doutor... E' confiado nos seus nobres sentimentos que animo-me a fazer lhe um grande pedido...

— Qual é?...

— Um negocio urgente chama-me ao Rio da Prata, ao partir tenho de passar á outras mãos a curadoria de meu padrinho, encargo que não posso desempenhar-o enquanto estiver ausente d'aqui. Lembrei-me de pedir ao senhor para substituir-me na minha missão, e espero de sua generosidade que não se recusará a acceder ao pedido que lhe faço...

— Não recuso... e até aceito como uma prova de confiança.

— Mil vezes obrigado, doutor, é mais uma divida de gratidão que contraio com o senhor... Agora permita que lhe entregue estes papeis que são os titulos da fortuna de meu padrinho, que sóbe a oitenta e tantos contos... Ainda um outro favor; recomendo-lhe Angelica, essa pobre mestiça que por sua dedicação para com minha familia, constituiu-se uma parte d'ella... Aqui tem parte de minha fortuna que faço doação a essa dedicada mulher, que em todas as nossas desgraças domesticas acompanhou-nos sempre com uma abnegação sem limites; servirá para resguardal-a das decepções da velhice, que se lhe approxima. Creio que não posso fazer melhor emprego d'essa fortuna que a sorte por zombaria concedeu-me, quando d'ella menos precisava. Em

recompensa dos meus serviços sou hoje socio da casa commercial da qual fui guarda-livros; o senhor que conhece toda a minha vida, ha de concordar comigo que semelhante fortuna não é mais que um sarcasmo da sorte sobre mim atirado.

— Não, Leoncio, é uma recompensa devida aos seus elevados sentimentos.

Momentos depois o medico despedio-se e o joven foi preparar-se para sua viagem.

No dia seguinte Leoncio partio, e partio arrastado por um pensamento terrivel — o da vingança.

Quando o paquete em que ia approximou-se de Montevidéo, um sorriso de alegria indefinivel frison as bellas curvas do mancebo, enquanto sua alma presa a uma agitação latente murmurava no imo do peito: — Chegou finalmente a hora, Julio de Aguiar, em que a providencia, por intermedio de meu braço, vai castigar tua audacia sem limites vingando essa sociedade que tens ultrajado com mais de uma injuria revoltante... Tu te constituiste o algoz de muitas victimas imbelles; pois bem, homem sem alma, que por onde passaste converteste os mais santos castellos em ruiuas eternas, pois bem, missão por missão, direito por direito, eu constituo-me perante Deus o vingador de todos esses martyres que immolaste nas rodas do carro de teus infames triumphos.

Leoncio inspirado por seus intimos pensamentos, levantou o braço horisontalmente em direcção á cidade; esse gesto significava um juramento terrivel prestado no tribunal de uma consciencia que não sabia transigir.

Quando o moço desembarcou e tocou a cidade platina uma calma apparente encobria seus tenebrosos projectos.

Uma insensibilidade estoica tinha-se apoderado d'aquella natureza humana que não dava fé de nada que passava em roda de si.

Estava dirigindo o embarque de sua bagagem, quando um rumor acompanhado de gritos e imprecações perto do local em que estava, veio por fim distrahir-o de seus pensamentos.

Era um povilléo que rodeava um homem idoso e pobremente trajado, que era conduzido por dois soldados.

— E' um assassino desalmado, dizem algumas vozes, matou o moço e a rapariga!

— Dois de pancada! Apre! com o Sr. brasileiro!!

— Tambem são brasileiros os dois assassinados, são patricios, elles lá se entendem...

— E o velho dizem que é o pai da moça...

— Que homicida!

— Lá vem os mortos em duas padiolas! exclamarão alguns ao mesmo tempo.

A multidão parou-se como sempre curiosa, e aguardou o funebre comboio.

Leoncio e outros passageiros chegaram-se á multidão.

O povo enchia de tal fórma o lugar do transitio das padiolas, que os carregadores não podendo continuarem, aproveitarão a occasião para descansarem do peso, arriando-as ao chão; emquanto alguns soldados abrião á força um caminho por entre a turba-multa.

Um panno branco coberto de grandes manchas de sangue cobria cada uma das padiolas.

Os espectadores, avidos de curiosidade, aproveitarão o ensejo e levantarão o panno que encobria o rosto dos cadaveres.

O primeiro descoberto era o de uma moça, bella ainda mesmo como pallor da morte, e o segundo o de um homem na flor da mocidade. Leoncio approximou-se para ver e sentio-se commovido ao contemplar o rosto angelico d'aquella menina tão cedo arrancada á vida pelo punho homicida; voltou-se para o outro, mas logo recuou horrorisado, acabava de reconhecer Julio de Aguiar.

Na volta do paquete, escrevia Leoncio as seguintes linhas ao seu amigo o doutor:

Doutor.

Nada me prendendo mais á vida, resolvi partir amanhã para o Paraguay, como soldado. Não se esqueça de meu infeliz padrinho, interesse-se sempre por elle. Junto vai o meu testamento, o senhor e Angelica são os meus herdeiros. Adeus.

Com effeito Leoncio alistou-se n'um dos corpos de voluntarios da patria.

O coração, a alma os deu elle á uma mulher; á patria foi dar o braço, a vida.

O que é verdade, é que nunca mais se soube de Leoncio. Talvez entre as ossadas que branquejão ainda nos campos do Paraguay, lá n'essa hecatombe de milhares de heróes e de martyres, o desventurado moço exhalasse o derradeiro sopro de vida.

Quem sabe?

APELLES P. A.

A TAPÉRA

I

Em 1845, pelo mez de Setembro, um viajante subia n'um bote o rio Itapuy.

La pensativo e do olhar instillava o raio humido e saturado de melancolia que, para nós, é a legitima revelação do poeta, quer tenha uma lyra onde sua alma derrame-se em harmonias, quer não. A poesia não é só o conjuncto de palavras cadenciadas, as doces blandicias do rhythmo que affagão o ouvido, é antes o sentimento intimo que move uma per uma as fibras do coração.

Era moço, mas o pallor da fronte, algumas rugas esboçadas por ventura nas contracções d'um pensamento doloroso ou d'uma agonia profunda, e alguns fios que começavão a alvejar-lhe nas temporas, indicavão um homem, cuja vida breve pela idade era no entretanto longa pela chronologia do infortunio.

O bote singrava a onda tranquilla a quatro vigorosos remos. Estava no leme o sargento André, *furrope destemido*, que, para despicar-se da paz de Poncho Verde, vivia em continua embriaguez. « Ai, paixão que ha de matar-me! » vociferava elle nos momentos de maior alcoholisação.

Então ia cantarolando entre dentes o hymno da malograda republica do Piratinim. Por vezes os marujos advertirão-lhe que o timão atrazava a viagem. Porém, nem advertencias, nem os panoramas desenrolados ante os olhos não lhe attrahião a attenção.

No emtanto o céu explendia. A carranca do inverno começava a esvaccer ao beijo da primavera que fazia gemmar a nova folhagem do mais esmeraldiuno esmalte. O sabiá ensaiava o trilo cheio de melodias, a inquieta curruira saltava de galho em galho,

e a andorinha e o mimoso passaro que parece um rubim alado e que a alma republicana dos rio-grandenses baptisou com o nome de farropilha, já apparecião, emigrados dos climas do norte. O minuano colhera as azas e fôra talvez dormir nas profundas e gélidas grutas dos Andes. Só ligeiras auras arrepiavão o dorso do rio, cujas escamas de talco despedião feixes de luz. A marinagem a intervallos casava monotono canto ao compasso dos remos e ao mûrmur das aguas.

As margens corrião ante os olhos com os agua-pés arquejantes e os ingazeiros, que sequiosos embebião as ramas nas fluctuações da correnteza.

Quão bello dia banhado de luz, embalsamado de campezinaz fragrancias, embalado ao brandõ rumorejo dos bosques!

E elle, pallido, merencorio, abatido sob afflictivos scismares!

Um porto destacou ao longe, á esquerda. Via-se a algumas braças da praia recortar o ambiente a cupula d'um laranjal.

O moço fitou-o com tristeza.

— Ali, disse aos remeiros.

— Ali! murmurou consigo, a alma partida d'um soluço.

II

Elle desembarcou sósinho e dirigio os passos para o lugar, onde devia existir uma habitação.

Que espectaculo!

Uma tapêra!

Singelo tujupar, cujo tecto de palboça abatera quasi todo, cujas paredes de taipa ameaçavão proxima ruina, aqui e ali mostrando a trança de ripas solta, os cipós desfeitos, o rebóco destacado. Ali niorava o silencio, as cellulas de maribondos pendentés d'um caibro e um forneiro que fizera vivenda na linha do citão.

As cercas em torno: umas de maricá condensarão, outras de galharia entretecida jazião por terra aluidas ao açoite das intemperies.

O que ha de mais contristador e melancolico do que a fazenda por sobre cuja cúspide a espira de fumo não ondeia graciosamente como um signal de vida, como o pendão que annuncia a presença do homem?!

Não ouve-se soltar dos patcos o cacarejo das aves domesticas, o latir dos cães; os campos estão dezertos, a gramma crescida e

sem as listras denunciadoras d'um pé audaz e intelligente; é tudo um êrmo!

A familia, como os estados, tem suas Thadmors, e uma ruina ou de cidade, ou de simples habitação. inspira talvez mais tristeza que o cemiterio de tumulos branquejantes, de cyprestes a desprenderem funerarias endechas!...

O moço, os braços cruzos sobre o peito, as lagrimas a rebentarem em cachões, era a estatua da desolação no meio do lugubre palco.

— Cinco annos! marmurou. Cinco annos! E como em tão curto espaço mudarão as scenas, como um quadro de vida transformou-se n'um quadro de morte!... Matarão-te, Laura; mas tua lembrança é minha alma, viverá comigo além da terra...

Que differença! Outr'ora, janeilinha te ufanavas de sentil-a, de vel-a scismadora arrimada a teu peitoril, quem sabe mesmo estremecesses de volupia celêste a seu contacto!?...

Ai, pobre Laura! Quando ahí apparecias, os passaros que te espreitavão das annozas figueiras que ainda campeião, cantavão...

Que idyllios de ternura, que cantos de enthusiasmo! As flores da campina voltavão para ti os calices, querião unir aos seus perfumes os teus sorrisos; os raios do sol vinhão entrelaçar-se ás tuas madeixas, negras como os crépes da noite! Beijavão-te as faces onde abrião as rosas purpureas do pudor!

E hoje eis a janella solitaria, as arvores pallidas, os passaros sem vozes, as flores sem uma irmã, o sol sem uma face candida em que possa imprimir o primeiro beijo da manhã!...

Êntremos... Passadas recordações, vinde esfrolar-me a fronte febricitante, vinde, sois meu unico consolo n'esta solidão.

E engolfou-se nos destroços da cabana.

Atravessou uma pequena sala, entrou n'um corredor, e sobreestive com o coração a romper-lhe o peito, diante d'uma porta semi-cerrada.

— O seu quarto! E poz a mão ao muro para não cair á profunda emoção que o agitava.

Quando serenou, impellio os batentes que cederão brandamente.

Havia um catre, um tamborete e impendente do muro um registro de N. S. da Conceição.

— Mãe de Deus, exclamou, ella era pura como tu, os anjos que tens no céu não são mais innocentes, nem mais bellos que minha pobre Laura... E matarão-n'a! E consentiste que o crime se consumasse?!

Adorava-te tanto e deixaste impune o bando de assassinos! Onde pois o teu poder, mãe de Deus? De que serve invocar-se teu nome e teu auxilio, se não suspendem o braço da maldade? Se os

sicarios em tua presença mais se encarnição nos seios arquejantes das victimas? Mãe de Deus és talvez uma burla, um de tantos abuzões estampados á face da humanidade!... Porém que digo? Porque ha de a blasphemia unir-se ás caras recordações de minha existencia? O' perdão... perdão!

E sentou-se a soluçar.

Largo tempo assim passou. A intensa magoa na reconcentração do soffrimento extravazou-se no caudal de prantos. Achou so melhor e arrancando a fronte d'entre as mãos, o olhar foi distraidamente pouzar n'umas manchas negras sobre a parede, pouco a pouco os raios da attenção forão convergindo para aquelle fóco e concentrarão-se afinal como a luz solar no concavo d'um espelho ustorio.

Impellido por instinctiva curiosidade foi reconhecer.

O que era?

Alguns animaes da familia dos arachnides chamados: carangueijeiras no Rio Grande, terriveis como as tarantulas, e cuja mordedura traz em consequencia do veneno rapido e delecterio ou uma morte immediata ou a destruição de algum orgão.

Fitou-os em contemplação, e um sorriso, que era mais do céo do que da terra, borrifou-lhe o labio descorado, calmo reflexo ou branda vibração da alma n'um extase. Seu pensamento transpareceu com suavidade na physionomia, como a restea doirada do sol atravez da jarra de alabastro,

— Sim, disse, respondendo á intima cogitação.

Derramou mais alguns olhares pelo quarto, e ajuntou:

— Até logo, Laura.

E sabio. Parecia ter soffrido uma transformação.

As faces tinham assumido o antigo colorido, a sombra de angustia que lhe velava os traços esvaecera de todo, deixando-os illuminados de doce radiação.

Dir-se-ia que entrara n'um templo com a alma em desespero e sahira resignado.

III

— Ainda uma vez revivei dias d'uma epocha feliz... Vinde evocar alegrias que se forão e não voltão mais.

E foi visitar os sitios de sua passada ventura.

Entrou n'uma area ao lado da casa, onde havia em pé alguns fragmentos de cerca sostidos pelos galhos de roseiras que se lhe entrançavão e já mostrando entre a rama os primeiros botões da

quadra. Uma latada que erguia um jasmineiro, abatera, e a planta lastrava pelo chão. Hervas daninhas punção de todas as partes deixando ver a espaços um ou outro bróto de saudades que começava a viçar.

— Eis o jardim, em que Laura dispensou tantos cuidados com as flores — suas irmãs. O que resta hoje? Aquellas saudades!... Foi aqui, ainda me lembro como se fôra agora. Havia uns lírios que talvez descerão com ella á sepultura. Um beija-flor esvoaçava em torno. Eu disse-lhe com suas mãosinhas entre as minhas: Eu te amo, Laura, como o beija-flor ama esse lírio. Ella empalideceu e respondeu no tom d'um queixume, apontando o passaro que correra a affagar uma rosa escarlate.

— O' não o digas, Paulo! Eu morreria. . .

Parece-me ainda ouvir-lhe a voz dolente que repassou-me de subito receio. . . Pobre amiga! Mal sabias então que nuvem negra escurecia o horisonte do futuro! . . .

Amergeio a frente sobre o seio e separou-se do mundo nas azas da saudade.

Aonde levou o pensamento?

Até o solio do Senhor, por certo!

Depois fitou o céu esplendente, como em busca da imagem que esvoaçára-lhe no cerebro, e sorriu á nuvem branca que passava nos braços da primavera.

Do jardim endereçou o passo tibio para um grupo de rochas caprichosamente amontoadas á sombra de secular turuman e dois umbús não menos antigos. Nos intersticios das pedras em parte vellutadas de musgo brotavão mimosas avencas refrescadas d'um fio de christal que corria tenuemente e ia formar no sopé pequena e limpida bacia. D'um esgalho horisontal baloicava um ninho de japú. O sol coando pela folhagem fazia o tanque despedir reflexos fluctuantes que semi-doiravão a paisagem.

— Aqui nada mudou. . . Sente-se só a ausencia de Laura! . . . Dizei, assentos de granito, arvores copadas, quantas confidencias, juras e protestos, não ouvistes, quando o seio nos palpitava a suave emoção, quando tartamudevamos palavras sem sentido e tão expressivas no entretanto?! Quando enlaçavamos as mãos e bebíamos nos olhos um do outro mananciaes de infinda ternura? E tu, fonte, que derivas sempre como a eternidade, conta as vezes que ella vinha mirar-se em ti, banhar a face rozea em tuas aguas puras. Lhe serviste de confidente, quando eu parti, lhe ouviste certamente os segredos, sentiste offêgo por offêgo de seu coração e myrificas harmonias de sua alma virgem. . . Falla, fonte solitaria que guardas sua imagem, o os mysterios que sómente a ti e a Deus ella os dissera.

Silencioso tudo! tudo um êrmo!

Conservarás por ventura, oasis de extincta felicidade, a data que entreguei ao tronco da turuman? Perdurará ao menos essa pagina?

Galgou o agrupamento de pedras, affastou alguns braços de mandacará, que, como uma reunião de tocheiras, nascera em sua ausencia, e pôde ler com difficuldade dois nomes exarados no corte: *Liberdade e Laura*.

— Eis meu mote de ventura. O inferno o desfez. O Rio Grande voltou á monarchia e a monarchia assassinou-me Laura. Mortos meus sonhos e esperanças!... Tempo, apaga os ultimos vestigios d'aquellas palavras santas transformadas em triste epitaphio... Esvacce-te, meu passado, como pela manhã os vapores no cimo das cochilhas... Volva tudo ao nada, que a mim apenas me resta morrer... Sou demais aqui. A abobada do céu péza-me, o chão que pizo, falta-me...

Escrévemos ambos aquelle symbolo de fé no futuro, e o futuro mentio-nos! O futuro é a tumba de tantas crenças! Eu com a ponta da adaga republicana, de joelhos sobre a rocha, gravava as lettras, e ella, com a mão gracil pousada em meu hombro, o rosto pendido sobre mim, sorria, alentava meu braço.

Quando acabei, e repeti cheio de enthusiasmo: « Liberdade e Laura », ella doidinha como uma borboleta, risonha, faceira, orgulhosa, estreitou-me contra si, deu-me um beijo.

Laura, ainda guardo teu beijo, sinto-o preso á face como o laço que unia para sempre duas almas irmãs pelo sentimento.

Foi o primeiro e unico!

Quando voltaste a ti do arroubo, tuas palpebras descerao, coraste...

Laura, agradecido por aquelle beijo, mil vezes agradecido!... Hei de restituir-t'ó puro... tanto como a perola de orvalho na angelica silvestre subindo aos céos nos raios do sol... Os seraphins não derecolhel-o para a corôa de tua santa...

Mil vezes agradecido, Laura!...

IV

Depois vamos encontral-o entre os renques de laranjeiras.

O laranjal perfumava o ambiente.

O chão, onde escasso pungia o capim, estava alcatifado de brancas flores.

Embragava aquella athmosphera. A alma desprendia-se da terra e remontava aos céos nos effluvios olentes.

Poesia, maga poesia, encantadora sereia que divinizas o ho-

mem, o arrancas á bestialidade dos instinctos, o separas das exigencias tórpes da materia e nobilitas suas proprias paixões; favo de mel, que dulcificas a taça amarga do positivismo; raio célico, que doiras os contornos de argila impura; tu transpareces em cada cópa, em cada folha, em cada petala, em cada emanação do laranjal!...

Paulo respirava em longos haustos o ar inebriante que o rodeava. Sentia em si uma outra alma, a alma incapaz de polluir-se. Acodião-lhe á mente avivadas pela santidade do lugar os instantes que feliz ali passára.

Assim ponderava junto a um tronco deitado por terra:

— Tambem aqui, quantas vezes não nos achamos a sós?! Quantas não teci grinaldas com que ia cingir-lhe a testa emmolurada nos caracões de abundante cabello negro?

E ella deixava-me fazer, sorrindo sempre com o sorriso de bondade e ineffavel doçura que eternamente lhe transluzia das feições. E as flores de laranja sentavão tão bem em sua fronte de terso marmore!

Tira então do seio uma bandeira tricolor, a desdobra e de dentro d'ella toma um ramo flacido e secco. Beijando-o, articula:

— Cinco annos ja vão, e ainda o conservo, Laura.

Parece que foi hontem! Eu convalescia e vinha espaiar-me no arvoredado, apoiava-me no braço de tua boa mãe e retinbas entre as tuas uma de minhas mãos... Foi então que o apanhaste e offereceste a mim. Não o deixei mais. Era um symbolo, para onde passara a alma d'um anjo.

Quando entrava em combates, eu o cobria de beijos, como o amulecto que ia resguardar-me das balas adversarias. E salvou-me sempre! Antes o não tivera, fora mais feliz, não viria assistir o spectaculo que consterna, que aviva tantas dôres!

— Sr. Paulo! Sr. Paulo!

— Capitão!

Gritavão no campo.

— O que quererão do mim? murmurou.

Pouco depois os marinheiros apparecerão no laranjal.

— O jantar está prompto, Sr. Paulo. Custamos a encontral-o.

— Não avisei de que não esperassem por mim? Não quero jantar. Vão e bebão á minha saude, meus amigos.

— Mas, capitão, aventurou-se a insistir o veterano farropilha, seu companheiro d'armas, que diabo de gosto de correr uma tapéra? Nada vejo aqui que possa sustental-o. Vamos, capitão, que estou com uma fome capaz de devorar tres duzias de caramurus.

O moço atalhou-o:

— André, não me chames mais capitão. Deixei de sel-o, por-

que não aceitei a paz de Poncho-Verde. Vai, meu velho, e bebe por nosso passado de glórias... O Rio Grande tem hoje uma no-
doa eterna em seu braço.

— E' verdade! E' o que ha de matar-me. o

— Tenho tambem esse consolo.

V

Quem era Paulo?

Eis o que vamos explicar.

Paulo nascera em Porto Alegre em 1819. Era filho de Anto-
nio de Aguiar, homem dos tempos do « antes quebrar que tor-
cer », entusiasta ardente das ideias que a revolução franceza
traduzira em códigos.

Quando o Brazil sacudio o jugo da metropole, elle sentio pro-
fundo abalo em vel-o subsistir sob a fórma d'um governo monar-
chico, e depois da abdicacão do memorando 7 de Abril de 1831
a facção federalista encontrou-o como um dos seus inconcussos
sustentaculos. Era um dos exaltados da associação secreta do
Continentino.

A rijeza de character, a energia de sua tempera passarão para
a alma do filho. Antonio e Paulo não só assemelhavão-se nos
sentimentos. Identicos erão os traços physionomicos, com um
unico ponto de disparidade: n'um aureolados de venerandas cans,
em quanto nõ outro brillantes em todo o verdor da primavera.

O velho muitas vezes mirando-se no filho, dizia com satisfa-
ção intima: Quando eu desapparecer da terra, não digão que morri.

Vejão em Paulo a continuidade de minha existencia.

Em 1835 a proclamação de Bento Gonçalves, fazendo os rio-
grandenses em sua maioria correr ás armas, distrahiu o moço de
seus estudos sob a direcção do venerando padre Thomé, e atirou-o
no movimento revolucionario em companhia de seu pai.

Em 1840 por actos constantes de bravura havia sido promovi-
do a tenente.

Já por esse tempo Antonio de Aguiar era morto. Prisioneiro
dos imperialistas em Porto Alegre, dizem uns que o deixarão pe-
recer á fome, outros que o envenenarão.

O moço herdeiro do nome e glórias paternas jurou eterna vin-
gança aos suppostos assassinos. Alguns cairão em combates á
sua espada invencivel, outros recolherão-se á cidade, na qual el-
le não podia apparecer desde 15 de Junho de 1836. Depois da re-
tirada do exercito farropilha que a sitiava, Paulo reúne alguns
republicanos de sua tempera, fórma uma partida volante que não

dava tregoa ao inimigo. Move-lhe guerra de exterminio. Quasi não dormia. Dia e noite encontravão-n'o pronto. Como o quero-quero dos patrios vargedos vigilava sempre.

Se por instantes tomava repouzo era com o pé no estribo, a fronte apoiada nos arceios e a mão nos côpos da espada. Para elle não havia senão uma grande ideia, mórmente agora santificada pelo martyrio do venerando Antonio de Aguiar. Não havia para elle senão uma ideia sinistra e aziaga: a legalidade, armada da segure da tyrannia que fazia baqueiar as mais bellas cabeças do Rio Grande.

Tremia de indignação, rugia, quando via os imperiaes; corria a encontrar-os e ria ao dilaceral-os com a lamina sequiosa de sangue, insaciavel, mortifera a cada golpe, terror incessante dos contrarios.

— Patricios, gritava elle aos seus, eil-os que vem os caranchos do norte e os renegados filhos do Rio Grande. Querem nos a vida, os haveres, a mulher e as filhas. Mostremos o que valem livres guascas do Sul, dando hoje repasto abundante aos tatús das varzeas e aos urubús da serra. E fallando assim, cavallo e cavalleiro asseteavão os ares como a sanha, rompião como o desespero. E vencia o bravo Paulo! E pois a bandeira tricolor resplendia desfraldada aos ventos dos céos, aos triumphos dos bizarros farropilhas!

Um dia « os perros dos imperiaes » erão trezentos e elles apenas trinta.

Se viessem ás mãos, era quasi certa a derrota.

— Calhimos todos, capitão. E' um só pialo de cucharra e terra! Assim ponderou um.

O guapo mancebo replicou-lhe:

— Cada um de nós vale por cincoenta escravos. Se não que-rem, irei só vencel-os.

E cerrou pernas no pingo.

Todos o seguirão, e, repechando o inimigo contra um tremendo sangão, alcançarão a mais esplendida victoria.

Outra occasião ião a uma correria nas margens do Itapuy, onde julgavão surprehender uma partida. Em caminho a noite desceu e resolverão repousar um pouco, n'um raleiro da mataria. Os bombeiros não voltavão. Esperando-os preparavão-se a tomar ligeira refeição, pois de sol a sol tinham viajado sem interrupção, quando forão accomettidos de todos os lados.

— Rendão-se, disse uma voz que parecia a do chefe, ou temos colleira encarnada ou presiganga.

— Breados! rugio Paulo e um gemido annunciou a primeira victima que tombava ao ferro acicalado.

Foi um ontrevello terrivel! Retintim de espadas e adagas que

coruscavão sibilantes no escuro, o triturar de ossos, imprecações, blasphemias, gemidos, angustias estertorosas, emfim um tripudio satânico que acordava a selva em torno!

E de espaço a espaço, como a senha dada, o grito de Paulo dominando aquelle extranho chaos a ordenar aos seus:

— A' arma branca! só á arma branca!

Baterão-se como leões, todos ficarão no campo, mas venderão bem caro a vida; numero duplo de contrarios passarão com elles á eternidade.

O capitão fôra deixado por morto. Vivia no entretanto. Muitas feridas, algumas graves sem serem mortaes, fizeram n'ó perder o accordo.

O ar refrigerante da manhã arrancou-o ao lethargico esvaecimento. Ergueu a cabeça e vio-se rodeado de cadaveres. Entre estes um soldado de linha ainda vivia com uma enorme cutilada que lhe decepára parte do craneo. A tal vista o moço sentio a fúria bellica e a intensidade do odios agitarem-lhe todo o ser, e de rastos approximou-se do imperialista:

— Um viva á republica ou morres! intimou com a pronuncia sacudida pela colera que bulhava no seio.

O outro contorcido por cruciantes dores e pelo enxame de varejeiras que entoavão sobre elle enthusiastico requiem, vibrou um olhar torvo e injectado de sangue e ao mesmo tempocollhia uma faca para feril-o.

Paulo apanhou junto a si um fragmento de espada e começou a defender se com o corpo semi-erguido do chão sobre um braço. Era uma luta singular.

D'um lado o republicano de crença, o homem livre que odiava os mantos reaes purpureados no sangue dos povos; do outro o recrutado que servia uma causa, porque o mandavão, sob pênna de ser fuzilado; a manivela grosseira dos governos que derramava o sangue de irmãos sem consciencia, porque não lhe armava o braço uma idéia sequer. Aqui o campeão ferido, fraco, mas ainda querendo aproveitar a ultima scentelha de vida, esquecendo suas proprias dores no sentimento que o guiava á batalha; ali o mercenario, athêo e sceptico a pensar na conservação de seus dias, e furioso por vel-os ameaçados brandindo uma arma em desesperada propulsão.

De que servio tanto empenho?

Paulo mergulhou lhe no seio todo o toco da espada.

— Não representares tu a legalidade em peso! reflectio, vendo-o expirar.

E depois foi chorar sobre os corpos do tantos companheiros, que na noite anterior tinham descansado para sempre.

Por fim as dores physicas chamarão-n'ó á vida. Com supres

mo esforço arrastou-se a través da mata e veio ter ás abas d'um grande vargado. Ao longe destacava uma choupana d'entre os tufos do arvoredado. Um raio de alegria fulgio no semblante do moço crispado pela agonia.

— E' a casa d'um farropilha, murmurou elle. Ali mora a familia de Azeredo.

Um velho africano passava não mui distante conduzindo ás pastagens uma ponta de gado manso. cantando n'essa toada triste e queixosa, character peculiar á poesia rio-grandense, mesmo da mais festiva e prazenteira.

Paulo chamou-o com todas as forças.

O negro approximava se sem perceber-o. Elle repetio varias vezes o reclamo, até que foi ouvido.

O africano acercou-se.

— E's da casa de Azeredo?

— Sim, senhor moço, sou captivo.

— Onde está elle?

— Morreu, já vai muito!

— Mais uma victima! E a mulher!

— Está na fazenda. O senhor moço soffre... Miguel está vendo.

— Sim, muito .. Vai dizer a tua senhora que o tenente Paulo de Aguiar morre em suas terras.

O escravo abriu grandes olhos a tal nome.

O moço desmaiou.

— Pobre branco! Disse o escravo. Tão guapo! e assim! Miguel entende, foi traição de imperial! E tomou-o sobre os hombros.

Margarida e Laura, sua filha, durante um mez foram incansaveis á cabeceira do doente. Emmagrecerão a olhos vistos.

Durante um anno o moço soffreu e só os desvelos das duas angelicas creaturas poderão evocal-o á vida.

Quem sabe se não o amor da filha?! Deixemos, porém, á physiologia a explicação do phenomeno.

Ainda que captivo á uma paixão sufficiente para possuil-o inteiro, não esqueceu imperiosos deveres.

Mal restabelecido, disse á amante:

— Has de consentir que eu parta. Hoje não tenho sómente a vingar a liberdade. Ainda eila mais os manes de nossos pais, o teu e o meu, Laura, que ordenão que eu volte ao campo. Devote a vida, podes dispor d'ella como te aprouver, mas serei um corbarde se entregar-me ao repouso, enquanto meus irmãos perecem.

A meiga donzella pousou a mão no hombro de Paulo e com os olhos arrazados de prantos só articulou:

Parte...

Continúa.

UMA CARTA

O *Parthenon Litterario* que tem tido a cooperação dos homens honestos e da imprensa 'patriótica da provincia, toda a vez que tem de registrar nas paginas de sua *Revista* uma apreciação espontanea que aquilate com justiça seus serviços, n'este momento enche-se de verdadeira satisfação. Ha palavras mais valiosas do que o oiro de Potozi, do que todas as condecorações do mundo.

O oiro e as condecorações são as mais das vezes mal applicados e indevidamente distribuidos, a palavra d'um grande cidadão de intelligencia superior e sentimentos acrisolados, do homem que habituado aos ideaes do bello e do verdadeiro é incapaz de polluir o pensamento em juizos inspirados por paixões mesquinhas, esta palavra constitue o padrão da legitima recompensa, equivale por muitas coroas triumphaes.

Foi a leitura d'uma carta particular dirigida ao Sr. Dr. Ubaituba pelo mais distincto litterato rio-grandense o Sr. Aranju Porto Alegre que inspirou-nos as considerações precedentes

A sanção aos modestos trabalhos do *Parthenon* exarada pela penna diamantina do autor das *Brazilianas* e do immortal *Colombo*, sirva-lhe de incentivo para continuar nas conquistas do futuro, anime a pleiade, senão illustre, ao menos denodada de seus obreiros.

DA REDACÇÃO,

Eis os topicos a que nos referimos :

Lisboa 4 de Março de 1874.

MEU CARO DR., AMIGO E PATRÍCIO.

Desde que cheguei de Vienna, e que recebi a sua presada carta de Setembro pelo Sr. Pfeiffer, tenho tido tanto e tanto que escrever, que quasi não me foi possível responder-lhe como desejava. Na chancellaria sou interrompido, e na sala em que escrevo, tenho sempre crianças e familia, porque tenho cá meu genro, filha e netos, que tomarão tres peças, e me limitarão a uma, onde o agradável barulho dos innocentes me impede de escrever.

A sua carta, e o *Parthenon Litterario*, derão-me um indizível prazer. Vi nomes que conheci e amei, e li com especial prazer lindissimas produções da nova geração d'ahi que aspira ao bello. Ha hoje verdadeiros talentos. Foi leitura que me remoçou.

A fallecida Barem, cujos versos li cheio de admiração foi uma das organizações mais perfeitas e mais elevadas que é possível para a poesia. Ha nas suas obras o cunho do verdadeiro engenheiro.

Dos jovens que li, vi coisas admiraveis, e medi a extensão e intensidade de seus talentos.

Gostei de ver os romances, e a extensão da escola que ha 30 annos iniciei com a *Resurreição do amor*, as *Brazilianas* e outros ensaios, que derão depois Gonçalves Dias e os mais engenhos que hoje glorificão a patria.

Se não houvesse uma politica tão tacanha como a nossa, estaríamos mais alto de que estamos, porque todas as grandes aspirações se encerrão na polluida urna eleitoral.

A nossa provincia ha de ser nas letras e sciencias o que é hoje nas armas, pela hombridade de seus filhos, tão forte e tão bem constituida, que augura as mais esplendidas esperanças.

Estou no ultimo quartel da vida, e ainda não perdi a fé de lá ir morrer. O que tem demorado esta resolução é a pobreza em que ainda me acho, e não chegar o meu pequeno rendimento para manter esta aspiração modesta, que não excede as exiguas raias da vida material.

Já não aspiro a mais nada, porque estou desenganado do mundo, que me parece peor, não porque tenha progressado no mal, mas pela sciencia da idade, das viagens, e da quotidiana experien-

cia. O que perde o corpo com os annos, adquire o espirito com a observação e o contacto social.

Os brazileiros pensão que a Europa é o céu da terra. Materialmente tem coisas superiores; socialmente está corrompidissima; e intellectualmente vai indo, mas ainda muito ignorante. O que lhe vale é um grupo de homens estudiosos aqui e ali dispersos, que por meio da imprensa vão-se unindo e formando um corpo de ideias. As sciencias physicas e medicas caminhão, as sociaes vão e vem.

Ainda se não achou um systema capaz de guiar a sociedade á paz e a concordia, porque a justiça não existirá enquanto houver soberba, ambição e avareza. A Europa está ficando um covil de velhacos e ladrões.

O LEQUE DE MARFIM

Á J. A. VASQUES

I

UMA VOCAÇÃO TORCIDA

Alfredo Rebello era um guapo rapaz de 23 annos incompletos. Seu pai mandára-o para côrte estudar engenharia, e a poder de muita protecção, o moço já havia conseguido safar-se do terceiro anno. Não era porque elle não tivesse intelligencia; mas porque lhe faltava a vontade, ou por outra a aptidão para as sciencias positivas.

Seu pai era um pessimista ás direitas.

Para darmos uma ideia do que elle era devemos dizer que ainda usava sapatos de bezerro, tirantes e lenço de seda preta como gravata.

A exterioridade do velho não enganava pois a ninguem. Sob o traje dos nossos avós estava uma alma vazada nos moldes mais fideis d'aquelles tempos em que o pai dispunha da vontade e do futuro de um filho, como se tratasse de um objecto de venda.

Por isso quando Alfredo ponderou-lhe que não tinha a menor disposição para o estudo das mathematicas, o velho franzió a testa e sahio da sala assobiando a Maria Cachuxa.

Um dia, porém, o velho já cansado de ouvir as considerações do filho, ordenou-lhe terminantemente que seguisse para o Rio, sob pena de ser desherdado. O filho quiz ainda novas razões apre-

sentar, mas o pai impoz-lhe silencio com um olhar onde irradiava o fogo da colera.

O caso então tornou-se serio, e o rapaz não teve remedio senão seguir para a côrte. Sabia o genio do velho e não queria arriscar a perder a herança, o seu souho d'ouro.

Mas quando Alfredo folheava o Bourdon e via enfileirados os malditos x — y — z tinha vontade de chorar e então derramava toda a sua bilis n'uma tremenda catilinaria contra a ignorancia e emperramento do progenitor.

Era este o unico desforço que o pobre moço tómaca vendo torcida a sua vocação.

Que quer, não nascera para aquillo... os algarismos crão-lhe asperos e monótonos como os conselhos do velho.

E o caso não era para menos.

Alfredo Rebello tinha queda para a poesia.

Amava o luar, as estrellas, a solidão, o gemer da fonte ao cahir da tarde, o cantar dos passarinhos ao romper d'alva, a covinha de um rosto mimoso, um seio de alabastro a palpitar de volupia, uns cabellos negros como a noite e a doçura inexprimivel que infiltra n'alma um beijo terno e apaixonado.

Já se vê, pois, que quem tinha um gosto tão bom não podia vêr com bons olhos uma taboa de logarithmos.

II

A RECEPÇÃO

No mez de Dezembro chegara o estudante a Porto Alegre depois de concluido o terceiro anno de estudos. Por muito empenho da mãe obteve o rapaz licença do velho para passar as ferias em sua companhia. Esta licença não cahio muito no gotto do moço, mas não havia remedio senão obedecer a ordem que tivera.

A sua chegada foi estrondosa: depennarão-se alguns caçoes de gallinhas e perús e abriu-se uma meia duzia de garrafas de vinho do Porto do anno de 1810, que só apparecia á mesa nas grandes solemnidades da familia.

O velho andava satisfeito como um noivo no dia de bodas, e a D. Pulcheria, sua mãe, não fallava senão no saber do filho.

Os jornaes da cidade receberão n'ó debaixo de salvas.

Houve um até que terminou a gazetinha sobre sua chegada nos seguintes termos :

« A sciencia já póde contar no illustrado Dr. Alfredo Rebello um novo emulo de Newton e Gallileo.

E a provincia deve ufanar-se de ter sido o berço de tão brilhante talento. »

A imprensa dizia e o publico não tinha remedio senão acreditar a força de tanto malhar.

Por isso chovião agora, desde a manhã até á noite, á casa do velho Rebello convites para baile, cartões de visitas, e presentes de flores e doces.

Mas apesar de tão benevolo recbimento o rapaz não andava lá bastante satisfeito.

No meio de todas as festas, no auge das mais gratas alegrias vinha-lhe á mente a imagem seductora d'uma parisiense que fazia as delicias do Alcazar.

E por isso vivia o pobre estudante em toda a parte e a cada hora recitando os seguintes versos de Orpheu :

J'ai perdu mon Eurydice
Rien n'egale mon malheur.

Era ao menos uma consolação. Quem ama na auzencia sente o balsamo da consolação banhar-lhe o coração, a qualquer lembrança dos tempos de ventura.

Uma flor secca, uma trançuiha de cabello, um tope de fita, uma palavra saturada de sentimento na hora da despedida, tudo são recordações que o coração guarda para consolo, nos dias amargos do exilio.

Era por isso que elle vivia a recitar aquelles dois versinhos, que ouvira na vespera da partida, tão cheios de amenidade o sentimento, coados no ritmo da voz meiga e suave da encantadora franceza. E com isto se satisfazia o pobre estudante.

III

O BAILE

A familia Rebello á instancia da directoria de uma sociedade de dança resolvera ir a uma partida.

Esta noticia agradou a algumas moças amigas de novidades e desagradou os leões da epocha que temião alguma derrota com a presença do Dr. Alfredo, cuja illustração a imprensa annunciára com rufos de tambor e salvas de 21 tiros.

Serão dez horas quando a familia Rebello fez a sua entrada triumphal no salão do baile. A commissão a recebeu á porta com todas as formalidades da etiqueta, fazendo o seu relator uma breve allocução em que agradecia a honraria dispensada pelo doutor áquella modesta associação.

O Dr. Alfredo Rebello cordialmente agradeceu tantas distincções e veio sentar-se á um canto do salão, bastante constrangido por não ter uma pessoa de intimidade a seu lado que lhe fosse abrindo os olhos no meio d'aquella multidão.

E depois não era só isto: seu espirito andava longe d'ahi, estava no Rio, n'aquelle maldicto Alcazar, onde a mocidade goza e diverte-se, e a velhice perde o senso no meneio lascivo de um eorpinho feiticeiro, ou vendo no giro da pirueta graciosa, entre nuvens de renda, a nascença de uma perna esculptural.

O pai não cabia em si de contente, vendo o filho tão festejado e por isso não fartava-se de indireitar os coilarinhos em pé e a golla da casaca que não se podia ageitar no congote reliço.

E como não ser assim se aquella casaca tinha sido feita por occasião dos festejos ao duque de Caxias depois da pacificação da provincia?!

Mas emquanto o velho procurava tornar a golla obediente, D. Pulcheria não se cançava de mostrar a todos, com o dedo, o seu querido varão.

O prazer e a intima satisfação dos velhos se via em todos os seus gestos, no olhar, e até mesmo no andar.

E tinham razão.

Quando pensarião elles ter na familia um doutor, um sabio, como um órgão da imprensa havia dito. e o povo confirmava, toda a vez que se tratava do illustre hospede?!...

IV

UM TALISMAN

O Dr. Alfredo duas horas depois de ter entrado no baile mostrara-se já mais satisfeito.

Um estroina agarrou-se-lhe a aba do fraque e nada de o largar, desfazendo-se em mil cuidados com o distincto moço, rival

de Newton e Galileo, como dissera um jornal da terra e assim repetia elle toda a vez que apresentava o doutor a alguma pessoa de sua amizade.

O Dr. Alfredo estava já meio massado com o Aparicio e por isso ancioso esperava uma occasião asada para evadir-se de semelhante companhia.

No momento em que se servia o chá o Aparicio entranhou-se pela copa e apossou-se de uma bandeja de doces para ir offerecer na sala.

O Aparicio era uma excellente creatura.

Desfrutava uma boa fortuna que uma tia do Fayal lhe deixára revellando em muitas occasiões uma alma boa e generosa. Tinha porém a mania de querer servir a todos, e seu maior pezar era quando não se offerecia ensejo de ser util a quem quer que fosse.

Muitos chamavão-lhe de idiota; mas eu não sei se Aparicio poderia dizer o mesmo d'elles e com mais razão.

Enquanto o rapaz offerecia doces ás moças, o Dr. Alfredo sahio do lugar em que estava evitando assim encontrar-se de novo com aquelle massante e viera sentar-se junto de um consolo n'um dos angulos do salão.

Poucos instantes depois de estar sentado o doutor notou um leque de marfim que estava entre as jarras do consolo.

O poeta mathematico poz-se consigo a fazer algumas considerações sobre o objecto que lhe despertára tanta curiosidade.

— O leque, dizia o rapaz, não póde deixar de ser de uma moça mimosa, elegante e flexivel como um sylpho. Pelos trastes se conhece o dono. E com todo o cuidado apossou-se d'aquelle iman. Agora estou convencidissimo que é de um anjo. Exhala a grata essencia das violetas, é franzino, é toco rendilhado, pequenino, talvez não tenha 0,15, e a borla é alva como um floco de bruma. Se fosse de uma moça feia ou de uma velha rescenderia agua florida, estaria encardido, teria pelo menos 0,25 e seria forte e duradouro.

Estava n'essas considerações embebido o Dr. Alfredo quando chegou o Aparicio já cansado de o procurar.

— Então estava aqui sósinho, doutor?

— Nas festas gosto de estar retirado. De longe aprecia-se mais...

— Eu já tinha perdido as esperanças de encontral-o, dizia o Aparicio offerecendo-lhe uma chicara de chá e uma salva com doces.

— Obrigado. Porque este incommodo...

— É' meu dever. Se está frio, eu vou ver outra, doutor...

— Não. Está bom...

— De quem é este leque, doutor?...

— Não sei. Estava em cima d'este consolo.

— Eu já vou ver de quem é. Coma mais este bollinho, Dr. . .
N'este momento uma velha veio interromper a conversação.

— O senhor pôde-nos levar até a casa Sr. Aparicio?

— Pois não, minha senhora. . . dá-me n'isto muito prazer.

E lá se foi o Sr. Aparicio todo satisfeito com a velha de braço, depois de ter feito o doutor servir-se ainda de uma cocada.

O doutor creou alma nova quando o Aparicio eclipsou-se no meio d'aquella multidão e ia já levantar-se para começar as suas indagações sobre o leque abandonado quando um par de anjos estacou em sua frente.

— Então não dança, doutor, interrogou-lhe uma d'ellas?

— Não havia visto VV. EEx. . .

— Ah! doutor, exclamarão ambas com um sorriso encantador.

— E' a expressão da verdade, minhas senhoras. Apesar de ha muito não dançar e de já ter mesmo desaprendido, creião que com VV. EEx. . . me exporia ao mais triste fiasco.

— Não zombẽ de suas patricias, doutor, disse a mais loquaz.

— Põde crer n'isto, minha senhora.

— O doutor nos autorisa a isto com a sua linguagem, juntou a outra.

— VV. EEx. . . são injustas demais para comigo. . . mas. . . por que não se sentão minhas senhoras.

— Andamos passeando, disse D. Julia, que pelos modos demonstrava ter mais intimidade com o doutor.

— Se VV. EEx. . . permitem-me que as acompanhe.

— Com muito prazer.

E o doutor offereceu-lhes o braço e lá se forão n'um tiroteio de galanteios.

— Não sabe, D. Julia, de quem é este leque? perguntou o moço.

— Não senhor.

— Achei-o n'aquelle consolo.

— Mas é facil de saber-se, disse D. Emilia.

E lá se envolverão os tres no meio d'aquella multidão, inda gando de todos quem seria a dona do leque; mas todos os esforços forão baldados; ninguem se accusava de o ter perdido, talvez fosse de alguém que já se tivesse retirado.

Serião duas horas quando o doutor retirou-se para casa, depois de haver dançado uma walsa com D. Julia e uma quadrilha com D. Emilia.

Mas que fim deu elle a roupa e

Levou consigo e adormeceu sentindo o seu doce perfume.

Continúa.

THEREZA

Era uma linda creatura de quinze annos, morena e ardente como a procitana de Lamartine, e seductora como um anjo.

Havia em seu olhar o brilho tremulo do scintillar das estrellas e em seus sorrisos alguma cousa de divino

Quando ella percorria o teclado do piano interpretando com delicadeza as cavatinas de Cimarosa, as multidões sentião-se deslumbradas ao clarão de um genio precoce e só despertavão de seu extasis prorompendo em applausos.

Botão que mal descerrava as petalas do calice perfumoso ás auras matutinas, já inebriava de suavissimos aromas o templo dourado da arte.

Enthusiasta e sacerdotisa do bello, alma inteiramente votada ás commoções violentas, aguiã que não media o espaço a percorrer, Thereza, a mimosa filha de Euterpe, levada nas azas de seu genio, ia como Prometheo roubar ao sol o fogo das suas inspirações divinas.

Quantas vezes não me deixei enlevar pelos cantos com que ella traduzia os mais caprichosos pensamentos do grande maestro!

Quantas vezes as turbas que a cercavão, suffocando murmurios de admiração, não sentião pelas fibras o fremito das commoções profundas!

Mas havia alguma cousa de inexplicavel n'aquella mulher.

Junto ao piano — era a pythonisa grega, tremula de inspiração, procurando desvendar os arcanos do futuro e arrastando para as regiões do sonho a multidão extatica, que instinctivamente dobrava o joelho como se contemplasse uma divindade.

Ouvindo palavras de amor — era uma estatua de alabastro, fria e insensivel como um tumulo.

Quanta frente incendiada ao fogo de uma imaginação de moço não sentio gelar-se, quando, em troca de uma palavra ardente e apaixonada, via formular-se nos labios de Thereza um sorriso de ironia, seductor, mas pungente, mas saturado do fel amargo de um profundo scepticismo!



Quando a noite ia alta, e a lua envolvia a terra n'um longo manto de melancolia, e a natureza parecia adormecida no seio do Creador, Thereza, como as harpas cóceas vibradas por um sopro mysterioso, desprendia cantos repassados de infinita tristeza.

Fitava o olhar cheio de lagrimas para a mais bella das estrelas que recamavão o céu e sua voz extinguia-se em um longo suspiro. . .



Mezes depois, ninguem mais ouviu-a arrebatando os auditórios com a melodia de sua voz angelica.

Victima de uma affecção pulmonar que resistia com tenacidade aos esforços da sciencia, a misera chorava abraçada á sua velha mãe, a sua unica affeição sobre a terra, a sincera confidente das suas aspirações de gloria, e a quem ella devia abandonar tão cedo!

E aquelle corpo, que foi por tres lustros o formoso envulcro de uma alma divina, cedeu ao destino fatal que a humanidade herdou em seu berço, e desceu ao pó dos sepulchros, orvalhado das lagrimas de uma mulher que enlouqueceu de dor.



Thereza! Ave do céu que passaste por entre os espinhos da existencia sem de leve sentiro attrito das paixões mundanas, que banhaste as alvas plumas no lago poetico de teus sonhos e que tão cedo foste impellida para a gelidez de um tumulo, dorme tranquilla sob a cruz que te assignala a derradeira morada!

Um dia te verei, Thereza! Não, fazendo vibrar nas teclas de teu piano as harmonias apaixonadas das languidas cavatinas, mas dedilhando nas harpas celestes as mysticas oblações que os anjos consagrão ao Ser dos seres!



Quando a dôlda passar por junto de vós com as faces mace-
radas pela fome e pelo sofrimento, cantando com voz rouca as
saudosas cavatinas de Cimarosa, não procureis consolar-lhe o co-
ração de mãe com vãs palavras de resignação e de conforto.

Tereis por unica resposta uma gargalhada nervosa e pungente.

Deixai passar em silencio a martyr no seu sadario de angus-
tias...

D. V.

AS JOVENS SERRANAS DE MISSÕES

.....De femmes aimables,
Qui, brillant decemment de leur propre beauté,
Ne font point un devoir de la frivolité;
De cocurs simples et francs.....

A tout innocent badinage,
Où l'âme parait sans muage.

DESMARIS.

As moças serranas são mui matutinas; erguem-se ao romper da alva, e logo o seu primeiro cuidado é o de visitarem seus papagaios, dar-lhes de comer e dirigirem-lhes algumas palavras lisongeiras, a que respondem com seus grotescos *espíritos santos de orelha*.

Voltão depois ao seu aposento, chegam-se para uma bacia, ou uma delicada gamellinha, e banhão suas mãos trigueiras e seu rosto moreno, e por instantes contemplão sua imagem n'essa lymphá fresca e pura que fielmente as retrata.

Buscando então gozar da brisa que agita a selva vizinha e as folhas do pomar contíguo, fazem um ligeiro giro por sobre a relva rociada, entrão em seguida em seus jardins, examinão ali as plantas que aterrão ou que regão, apanhão algumas flores, e compondo com ellas um vistoso ramallhete, voltão á casa, onde chegando-se para um tosco oratorio, põem esse ramallhete em uma garrafa com agua, que faz as vezes de vaso, ou, decompondo-o, põem uma ou duas flores em cada santo, as quaes prendem com graça por meio de uma fita envolta em torno d'essas imagens do gesso.

Ao menos, honra lhes seja, fazem isto com toda a devoção,

não uma devoção estudada, mas com sentimento profundo de religião e com sublime acatamento.

E' só depois d'estas praticas que, chegando-se e pondo se em frente a um pequeno espelho, preparão e dispõem em bellas tranças seus formosos cabellos, mas abundantes e mais donosos que os das mais privilegiadas da civilisação.

Assim dispostas e cheias de louçania, o seu primeiro trabalho consiste em ir ordenhar as vaccas, que mugem no curral proximo, como avisando-as de que tempo é já de prestar as tétas aos seus terneiros que encerrados desde a vespera, estão a berrar se-quiouos e famintos.

Ao voltarem d'este mister, trazendo em acciadas guampas ¹ o alvo leite, espumando, sentão-se em uma pequena banca e põem-se a cõsturar, a bordar ou a fazer renda, e assim se conservão até meio dia, hora em que se levantão para jantar, ou para cuidar dos preparativos da mesa, quando menos afortunadas algumas que outras, não possuem uma triste escrava que lhes poupe essas fadigas.

A's horas de sêsta recostão se em seu leito virginal e dormem um ligeiro somno, em que sua imaginação inculta de certo lhes pinta, em fagueiros sonhos, os mais ridentes quadros de felicidade domestica, de festas innocentes e de esplendidos bailes, bailes que no circulo social em que convivem, não passão de insignificantes sarãos, sem o brilho fastidioso do luxo, e alheios ás estrondosas palestras dos espiritos do *grande tom*.

Muitas ha que possuem um ou dois romances, quasi sempre a *Moreninha* e o *Moço loiro*, e então, em vez de dormirem, entregão-se a essas leituras em que achão um prazer sempre novo, e, embora pela maior parte não comprehendão o inteiro sentido d'essas obras, admirão-se das scenas um tanto licenciosas que ali se descrevem, pois que o namoro ellas o entendem mui differente dos que occorrem em alta sociedade.

Seus amores são mais innocentes, mais reservados, e, sobretudo, mui delicados e cheios de susceptibilidade, porque estando, por assim dizer, livres de um enxame de cõrtézãos, e pouco acostumadas com os enredos e volubilidade da moda, dedicão o seu affecto unicamente ao escolhido do seu coração, e ai d'elle se lhe

¹ O Sr. A. A. P. Coruja na sua « collecção de vocabulos » uzados n'esta provincia, -- descrevendo este utencilio se exprime d'este modo: — Guampa, s. f., assim chamão no campo geralmente ao chifré, porém, com mais especialidade ao mesmo chifre preparado á maneira de cõpo, que os viajantes trazem em viagem para beber agua — Porém, aqui, em Missões, são em grandissima escala empregados para o fim que acima apontamos. Algumas ha preparadas com muita delicadeza e cheias de lãvõres.

percebeu a mais pequena perfidia, ou ainda um leve signal de indifferença.

Uma vez, tendo perguntado a uma d'estas jovens camponesas o que pensava a respeito d'aquelle capitulo da *Moreninha*, que tem por epigrapho — *Meia hora em baixo da cama* — respondeu-me enrubescendo graciosamente: — o que sei é que é uma grande mentira, e que não tem graça alguma. . . E como me sorrisse d'essa amavel, bem que um tanto equivocã ingenuidade, olhou para mim com ar serio, e logo, baixando os olhos, tomou uma attitude do mais requintado disfarce, posto que simulando profunda indifferença.

Pela tarde, e, depois da darem ainda um passeio pelo seu nunca esquecido jardim, onde vão sempre colher uma flor mimosa para prenderem em seus fartos cabellos, sentão-se á uma janella da frente, e d'ahi, contemplando os campos, estendem seus candidos olhares pelos horisontes e gradualmente se entregão a uma meditação que grata lhes é, sem duvida, pois que, de quando em quando, um leve sorriso assoma em seus labios seductores; então com gesto cheio de denguiço, correm, affagando-os, a mão por sobre seus lustrosos cabellos, e deslocando uma madeixa com tanto amor pela manhã preparada, a desdobrão sobre o seio, e por momentos contemplando-a com orgulho, brincão depois com ella agitando-a levemente por sobre as faces.

Mas, se de repente assoma na estrada um cavalleiro, e sobretudo se suppõem que elle é joven, immediatamente retirão-se, e curiosas esperão que elle chegne e que seja recebido; então, algum tempo retraidas no interior, cuidadosamente o escutão e o observão por alguma occulta aresta, até que se apresentão depois dissimuladamente, mas sempre constrangidas em si mesmas e cheias de timidez; ahi em silencio estudão até os menores gestos d'essa pessoa e lhes ficão por tal modo gravados na memoria, principalmente se lhe reconhecem alguma belleza, que, aos domingos, quando se visitão, os narrão minuciosamente ás suas camaradas, com mil maliciosos commentarios e com numerosas *partidas* de risadinhas de mófa.

O canto do sabiá é para as jovens serranas de um grande attractivo, ellas o escutão sempre pensativos, e tem por esta ave matutina uma legitima sympathia e uma admiração singular.

Amaveis jovens que estais tão retiradas da civilisação, ao menos vossos prazeres são puros, vossos costumes singelos, vossos desejos modestos, vossos gozos innocentes; vós sois quiçá mais felizes que aquelle que escreve estas linhas, e que n'estes lugares incultos se vê constrangido a suffocar as inspirações que lhe exuberão na mente, pois que á sorte, tantas vezes ingrata, não

aprove de conceder-lhe meios para inteira liberdade de dispor de seus pensamentos ás horas que deseja e as vezes que lhe occorrem espontaneos e ricos de novidade. . .

Jovens serranas, minhas companheiras d'estas campinas desvias e d'estes bosques umbrosos, se esbocei uma parte dos vossos singelos costumes, tão concordes com esta natureza agreste, mas cheia de poesia, que vos vio nascer e onde viveis felizes, inscientes dos apparatus frivolos da civilisação, alheias de seus preconceitos mais inquietos e importunos do que vossas innocentes *superstições*. Direi tambem que, a par d'ellas, possuis um coração puro e a alma cheia de virtudes.

Vós, ao menos, sois filhas submissas, e quando esposas, esposas extremosas e feis. . . Sois boas mãis, que presando mais vossos filhos do que os divertimentos e o luxo, ensinai-lhes desde o berço os preceitos da nossa religião, o amor da virtude, e o ter em horror o vicio.

Fazei timbre d'essa bella conducta, d'esse procedimento cheio de nobreza. . . e o vosso galardão consistirá na justa estima e consideração de quantos vos conhecem.

F. DA NATIVIDADE FRANCO.

Itá, Março de 1873.

QUEIXAS

A mo-te...além da terra eu hei de amar-te!...
Não o queiras embora, é meu destino ;
E poderei lutar contra a sentença
A que me arrasta o fado peregrino?

« Pobre mulher ! passando, diz o mundo,
« Tão triste, a sós vivendo, inda tão bella !
« Depoz amor e preito aos pés d'um homem,
« E elle estollou a virginal capella !

E tu, ingrato, nem sequer diriges
Um só olhar ao culto do passado !
Ao idolo que adoraste com delirio,
Ante o qual fê juraste reclinado !

Hoje a meu seio estreito o teu retrato,
Derradeiro consolo que me fica,
Pallido talisman de doces annos,
Reliquia santa de meus beijos rica !

Porém, que é um retrato, meu querido ?
Não é como epitaphio sobre a campa ?
Reflexo de ventura que finou-se,
E n'esta vida nunca mais se estampa ?

O' vem, tronco gentil, robusto e forte,
A que abracei-me um dia ardente e louca ;
O' vem, que a primavera inda viceja,
De lindas flores toda a selva touca.

Não... não ! Tu não virás, que talvez outra
Te furete a meus braços, te mentindo !
Affectos que não morrem, sempre verdes,
Dal-os só eu o sei de amor infindo.

A's vezes no silencio a sós me digo :
— Porque ouviste a sereia seductora ?
Que importavão protestos d'um mancocho
A ti curvando a fronte scismadora ?

Contra seus olhos languidos de amores,
Suas palavras que mais fallavão n'alma,
Que pela noite a voz de teu piano,
Não vias da virtude a rozea palma?

Deus te castiga pelo proprio crime...
Pois que soltaste o passo em senda errada,
Consola-te, ao Senhor volve o semblante,
Estás á desventura consagrada.

E tu, talvez sorrias quando soffro,
E a taça libo de cruel martyrio!
Tu, talvez, entre os braços d'outra amante,
Me esqueças dos sentidos no delirio.

Volve uma vez, quero beijar-te a fronte,
E dar-te a vida que meu peito encerra:
Volve mais uma vez, serei ditosa,
Entre sorrisos deixarei a terra.

G.

O POETA

A BERARDO JOAQUIM CORRÊA

Irmão! — prende esta mão de irmão na minha!
Toma a lyra — Poeta! Aguia! — esvoaça!
Sobe, sobe, astro rei!

(V. Hugo).

CHORAR...luctar...cantar...— sempre aspirando
E' do Poeta a sorte!—
Romeiro — que buscando a Eternidade,
Tropeça e cahe no tremedal da morte!...

Aguia arrojada de doiradas pennas,
Pairando no infinito...
Icaro novo — que ao voar mais alto,
Cahe de improviso — sem soltar um grito!...

Sol rutilante que illumina o Orbe
Nos páramos sidereos...
Mas...se fascina as turbas: — do occidente
Vai mergulhar-se nos lençóes funereos!...

.....

E assim passa o poeta pela terra
Ebrio de aspirações...
E o misero — que sonha tantas glorias —
Tomba esmagado ao peso de irrisões!...

Conviva errante dos festins mundanos...
Proscripto da ventura...
No sublime adejar — que pasma as aguias
Buscando — os c us, — encontra a sepultura!...

Quer chame-se Petrarca, Dante, Milton,
Byron ou Victor Hugo:
Ha de cingir a c'rda do martyrio —
Curvando-se da sorte ao duro jugo!...

Aqui... — n'este pedaço do universo
Rasgado por Cabral...
Quantos atletas tombão esmagados
Tão cedo — no funereo tremedal!...

Alvares de Azevedo — o bardo sceptico —
O « Byron brasileiro... »
Com que idade morreu?... Vinte e um annos!...
— Alma inspirada! Genio verdadeiro! —

Casimiro de Abreu — o moço enfermo,
O « Ossian » brazilio...
Além de fallecer na flôr dos annos,
Quantos prantos verteu no duro exilio!...

E tu... que te inspiraste n'esse claustro
Que o proprio inferno inveja...
Tão só, Junqueira!... Não: « sósinho o cysne
No vazio do céu mais livre adeja!... »

E Macedinho — o Sabiá do Sul —
— O trovador menino —
Que ao colher as olentes — « Açucenas » —
No tumulo esbarrou?!... Negro destino!

Castro Alves — o « Hugo dos mancebos,
A estrella da Bahia,
— O propheta da nova geração!
-- O creador da nova poesia!

Desgraça !...

-- Aos vinte e quatro annos de idade
-- Tomba na sepultura !...
-- Quando pasmava as multidões, attonitas
De vel-o -- tão criança -- em tal altura !...

.....

Chorar, lutar, cantar, sempre aspirando
E' do Poeta a sorte !
Romeiro -- que buscando a Eternidade
Tropeça e cahe no tremedal da morte !...

MUCIO TEIXEIRA.

Jaguarão — Março — 74.

A DOUDA

A douda passa vagarosa e triste,
Imagem viva do martyrio e dôr !
Mumia animada de um clarão celeste,
Victima incauta d'infeliz amor !

A douda passa ! macilenta a fronte
Pende-a no peito que o soffrer traduz :
Sepulchro immenso de affeições perdidas,
Onde palpita um coração sem luz !

A douda passa ! Como é triste vel-a
Preso á demencia per fatal grillhão !
Na fronte --- as rosas juvenis de moça,
No seio as magoas que bem fundas são !

A douda passa, qual hebreu da lenda
Entre os motejos de uma turba atroz !
Sem pão amargo, sem um tecto amigo,
Caminha errante, desvalida... a sós !

Canta? seu canto só transpira morte!
Toda su'alma se transforma em fel!
Martýr constricta nem de Deus implora
Repouso ao menos do labor cruel!

Vendo-lhe os olhos que já serão bellos...
Da face as rosas descoradas tem!...
Sangrão-lhe as urzes da charneca impura,
Fatal miseria quem lhe vê?...ninguem!

Ninguem no mundo lhe minora as ancias,
Ninguem lhe entende do martyrio a dor;
Comsigo cala as agonias d'alma,
Pagina negra de um passado amor!

E' triste a c'roa que lhe cinge a fronte,
De atroz martyrio que pingir-lhe vem!
Se ali delira n'agonia extrema,
Já nem da fome consciencia tem!

E a douda curva-se ao destino cego,
Ao frio, á fome semi-morta jas!
Sopra-lhe o vento nos cabellos soltos,
E em tanto espasmo soffre mais e mais!

E a douda passa, no silencio triste,
Não ri, não chora, não desprende um ai!
Quando a fadiga vem tolher-lhe os membros,
No pó das ruas gemebunda cai!

E assim vagueia qual batel perdido,
No mar da vida — desditosa e só;
Rosa ceifada que o tufão repelle,
Vai sobre as campas s'esfolhar no pó!

Ninguem perturbe teu dormir sereno,
Na paz tranquilla da eternal mansão;
Se o mundo inteiro te maldiz, insulta,
No céu te espera divinal perdão!

SILVINO VIDAL.

ESTRELLA CADENTE

Hoêtem vibravas do alaúde as cordas
E canticos celestes desprendias,
Quaes dos anjos as sacras harmonias
Beijando o throno do eternal Senhor.
E em cada hymno de tu'alma pura
Fitavas sem temor o sol da gloria,
Quer cantando os herôes da patria historia,
Quer as delicias de um primeiro amor.

Hoje te envolves n'um mortal silencio,
Harpa sem cordas sobre a campa fria,
Teus sorrisos são todos de ironia
Aos sentimentos de um sincero amor.
E desfolhas as flores de tu'alma
No lago impuro de paixões mentidas,
E nem sentes as faces resequidas
Ao fogo ardente do fatal licor...

Amanhã, quando ao pó das sepulturas
Resvalar teu cadaver macilento,
Ah! ninguem sentirá, por um momento.
Na face os prantos de afflictiva dor!
Ninguem na lousa que cobrir-te os restos
Irá prostrar-se solitario e mudo,
Pois que manchaste teus laureis do estudo,
Gloria e renome de immortal cantor.

DAMASCENO VIEIRA;

CHRONICA

Graças á divina Providencia em breve vão ser abertas as portas do theatro S. Pedro, dando ingresso á população de Porto Alegre, ávida de diversões n'essas noites longas e tetricas, como são as do inverno na nossa terra.

O theatro surge d'essa apathia em que tem vivido para receber em seu seio um dos mais inspirados artistas e autores dramaticos.

Furtado Coelho em breve aportará a estas virentes plagas com uma excellente companhia.

A população porto-alegrense guarda ainda em saudosa recordação a epocha, em que esse distincto dramaturgo, e não menos insigne actor nos prodigalisou noites tão apraziveis.

Furtado Coelho é um nome por demais conhecido. A aureola da gloria que mercedamente cinge-lhe a fronte, a esteira luminosa que tem deixado após si como um astro onde quer que o destino o leve, tantas glorias e triumphos valem sem duvida muito mais de que as nossas humildes palavras.

Resta, pois, que o publico, com o entusiasmo de outros tempos, applauda o genio artistico do Sr. Furtado Coelho e o merito de sua companhia.

-- No dia 25 realizou-se o 9º sarão litterario; como sempre foi uma reunião animada e cheia de diversões.

Depois de uma linda ouverture executada magistralmente ao piano pela Exm.^a Sr.^a D. Lydia Aguiar, occupou a tribuna das prelecções o intelligente consocio Sr. Vasco de Araujo, que desenvolveu brillantemente a these « Instrução popular ».

O Sr. Vasco de Araujo, elevando-se á altura de um distincto orador, enfeixou n'essa noite mais novas laureas.

Com um sincero aperto de mão saudamos ao intelligente consocio por mais essa gloria, que tão mercedamente lhe coube.

Abrilhantarão o sarão as Exm.^{as} Sr.^{as} DD. Amanda Olinto e Patricia Lima que cantarão lindissimas cavatinas.

Recitarão produções poeticas as Exm.^{as} Sr.^{as} DD. Felisberta Lima, Edelvira de Azevedo, Maria José Coelho e Luiza Corrêa.

Preencherão a parte litteraria alguns socios do « Parthenon ».

-- Mais um acontecimento notavel, mais uma ideia grandiosa o « Parthenon » pretende registrar em seus annaes.

Esta associação propõe a creação de bibliothecas municipaes, concorrendo com todos os meios possiveis para que tão meritoria, quão patriótica instituição se realize.

As bibliothecas municipaes, assim como as aulas municipaes são inquestionavelmente um dos meios mais efficazes para propagar com resultados a educação popular; sem esta nenhum povo póde ser grande, e marchar na vanguarda do progresso; sem que tenha attingido a um gráo elevado de educação a sua felicidade será ephemera.

E nós, que nos achamos, com pezar o dizemos, muito atrasados, temos urgente necessidade de propagar a educação das classes laboriosas.

O pão do espirito é tão necessario como aquelle que nos alimenta a materia. O « Parthenon Litterario », convicto d'essa verdade, trabalha sempre para que esse pão toque a todo aquelle, que d'elle sente necessidade.

Breve terão lugar as conferencias publicas e outros meios, que possam collectar quantias para a realisação de tão patriótica ideia.

E' de esperar que as conferencias sejam bem acolhidas pelo publico.

Pois ali, onde o orador vai proferir palavras unguidas de verdade, mostrar o caminho que temos a seguir para que possamos ser felizes, pode tanto o rico como o pobre concorrer com o seu obulo para a realisação de tão importantes instituições.

O « Parthenon » receberá desde a moeda de ouro luzente do rico, até a moeda de cobre do proletario, e para todos elle tem um só agradecimento, porque todos convincentes de uma tão nobre causa contribuem para o desenvolvimento de um povo e assim da humanidade.

E o povo do Rio Grande tão altivo nos dias de victoria, tão patriótico sempre que seu paiz necessita de seu heroismo e bravura, não ficará queto e indifferente quando se trata de seu engrandecimento moral.

As municipalidades cumprem nos coadjuvar n'esse empenho; de seu trabalho e boa vontade dependem o bom exito da causa.

A's nossas co-irmãs --- Ensaio Litterario, Culto ás letras, e Amor á litteratura fazemos um appello, para que venhão associar-se a nós n'esse nobilissimo desideratum.

O « Parthenon Litterario » sómente ambiciona a gloria commun, aquella que toca a todos; assim é justo que todo aquelle que sente uma fibra estremeecer pelo sublime amor da patria venha connosco partilhar estas lides.

E agora mais do que nunca é tempo de unidos, pelos laços de sincera fraternidade, trabalharmos em prol de uma ideia tão santa e meritória.

Eia, pois, propague-se entre nós a educação popular; rasgue-se o manto da ignorancia que nos envolve o espirito, resplandeça a luz da instrucção e seremos grandes como são aquelles, que marchão avante na senda da civilisação.

AULAS NOCTURNAS. -- Na sociedade litteraria « Leopoldense », começarão a funcionar as aulas de geographia, francez. allemão, sob a direcção dos Srs. Thomé Gonçalves Ferreira Mendes, José Wolfenbattel e Frederico Diehel.

Fazemos votos para que tão meritor'o commettimento vingue e prospere e não morra esmagado, como quasi todas as ideias nobres, ao peso das avalanches da indifferença publica.

A. TOTA.

Abril de 1874.